

EDITORIAL

CDU 241.1

Oração e acção

Orar para quê? Assim se vai interrogando meia humanidade e entre eles sobretudo, os que entendem que a felicidade das gerações futuras não pode deixar de se alicerçar no progresso da Ciência e das Técnicas.

Mesmo os mais generosos, os que acreditam que o progresso da ciência e das técnicas pode trazer às gerações futuras a paz, porque reflectem sobre o egoísmo testemunhado nas guerras de ontem e sempre evidenciado nas de hoje, mesmos estes, hesitam em acreditar que a «oração» tenha poder de acção na paz.

A dúvida que esta hesitação revela não impede que os homens reconheçam que no quadro da sua vida biológica e social, científica e objectivamente, a única resposta válida «aux appels de la vie» é «la marche du progrès», determinante esta que nos foi imposta «en dehors de nous et depuis 400 millions d'années». E assim estudado o desenvolvimento da vida biológica através dos tempos, no ponto de vista de Chardin «le seul vrai bonheur», tem necessariamente de ser «le bonheur de croissance ou de mouvement».

No quadro da vida individual a escolha corre, porém, o risco de ser tomada sob o impulso de um instinto de conservação ainda primário, quando devia ser tomada sob a égide da «reflexão» pois é esta que torna o homem verdadeiramente homem e portanto só ela tem poder bastante para dissolver o seu natural egoísmo, na convicção de que o progresso intelectual da maioria é a melhor maneira de assegurar às gerações futuras uma paz efectiva e uma maior soma de felicidade.

Orar para quê? Para justamente decidirmos conscientes. A meditação profunda esclarece o entendimento e afina a reflexão.

Orar para quê? Para que o convencimento de que a felicidade cresce paralela com o progresso, se radique na consciência do maior número, e «cada qual se sinta decididamente comprometido em empenhar-se segundo as suas aptidões, possibilidades e forças na luta em prol do máximo desenvolvimento» diz-nos Paulo VI acrescentando: «e por isso vos exorto pensadores e sábios, católicos e cristãos, aqueles que honram a Deus, os que estão sedentos de absoluto, de justiça e de verdade, todos os de boa vontade, a que abram os caminhos que levam, pelo auxílio mútuo, a um aprofundamento do saber, tendo sempre presente que «desenvolvimento» é o novo nome da Paz».